



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**KARINY RAYANE LIRA COSTA**

**ABORDAGEM DE GÊNERO EM LIVROS DIDÁTICOS NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

**CAMPINA GRANDE**

**2018**

**KARINY RAYANE LIRA COSTA**

**ABORDAGEM DE GÊNERO EM LIVROS DIDÁTICOS NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso em  
Pedagogia da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fabíola Mônica da  
Silva Gonçalves

CAMPINA GRANDE

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837a Costa, Kariny Rayane Lira.  
Abordagem de gênero em livros didáticos nos anos iniciais do ensino fundamental [manuscrito] / Kariny Rayane Lira Costa. - 2018.  
49 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Profa. Dra. Fabíola Mônica da Silva Gonçalves, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."  
1. Sexualidade - Gênero. 2. Ensino fundamental. 3. Sexualidade - Gênero. 4. Heteronormatividade. 5. Livro didático. I. Título

21. ed. CDD 372

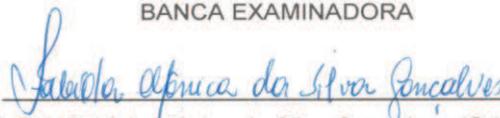
KARINY RAYANE LIRA COSTA

ABORDAGEM DE GÊNERO EM LIVROS DIDÁTICOS NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso em  
Pedagogia da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia.

Aprovada em: 13 / 6 / 2018

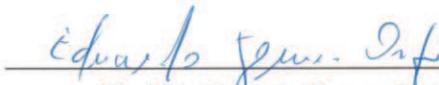
BANCA EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Fabíola Mônica da Silva Gonçalves (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Ana Paula Mendes Rodrigues Cavalcanti  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte,  
Pai da Eternidade, Príncipe da paz,  
DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Ao soberano Deus que está acima de todos, que como maestro rege todo o percurso da vida e que sonha para nós além do que pensamos e imaginamos.

A minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fabíola Mônica da Silva Gonçalves que foi usada como instrumento em minha vida para que eu pudesse concluir essa etapa tão importante academicamente falando, por toda sua paciência seu apreço e sua dedicação, por decididamente aplicar na sua metodologia de ensino para comigo o princípio da afetividade, e por ser essa pessoa tão iluminada. Espero que outros alunos tenham o privilégio de cruzarem com a senhora e que possam adquirir, com a sua contribuição, a riqueza que emana do conhecimento, terá a minha gratidão sempre.

A minha mãe Maria de Lourdes pelo seu amor, cuidado e atenção, por ser essa pedra preciosa que Deus me agraciou para me dar existência e ao seu esposo Odair por sempre me auxiliar.

A minha avó Alice (in memoriam), porque sei que mesmo não estando presente em corpo vive dentro do meu coração e estaria aplaudindo com sorrisos mais essa conquista.

Aos meus amigos de sala de aula Herton, Lays, Dieska, Rita e Valdenice que sempre estiveram comigo por tantas noites dentro da UEPB, sempre me apoiando para que nos momentos mais difíceis tivesse um ombro ou melhor, vários ombros para chorar e mãos que me ajudaram a levantar e prosseguir o caminho todas as vezes que estava prestes a cair.

As amigas Gabriela e Angélica que iluminaram a minha mente em momentos de escuridão, que sempre estiveram dispostas à dividir comigo os seus conhecimentos, sou grata por tudo isso mas principalmente pelo simples fato de saber que torcem pelo meu sucesso.

Aos motoristas Sonaldo, Breno e Antônio que com tanto cuidado e profissionalismo fizeram com que eu chegasse em segurança a universidade.

*“A ignorância é a maior enfermidade do gênero humano.”*

*(Cicero)*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>13</b>
2.1 Gênero e sexualidade .....	15
2.2 Disciplina dos corpos .....	19
2.3 Gênero e sexualidade no contexto escolar.....	20
2.4 Livro didático como instrumento de mediação do conhecimento .....	23
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>26</b>
3.1. Livros analisados .....	26
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>29</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>38</b>
<b>ANEXO A</b> .....	<b>40</b>
<b>ANEXO B</b> .....	<b>45</b>

## ABORDAGEM DE GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

\*  
LIRA, Kariny Rayane Costa

### RESUMO

Este trabalho discute a abordagem de gênero dentro de uma das ferramentas mais acessíveis ao professor e ao aluno, que é o livro didático. Em nosso material de pesquisa analisamos dois livros didáticos, sendo um do 4º ano e um do 5º ano do ensino fundamental, especificamente na disciplina de língua portuguesa, por acreditarmos que a variedade de gêneros textuais pudesse nos trazer a discussão dessa abordagem, levando em conta a polêmica que a temática de gênero e sexualidade ainda traz consigo. As questões relacionadas à sexualidade ainda encontram invisibilidade dentro das salas de aula, por fazermos parte e vivermos em uma sociedade que classifica os padrões de comportamentos adequados a meninos e meninas, homens e mulheres, regidos por uma ideia de heteronormatividade (JUNQUEIRA, 2010), e a escola participa dessa construção. Diante das análises foi possível perceber que a temática de gênero, quando não é ignorada, é brevemente mencionada, o que evidencia que pouco se aborda a temática de gênero nesta ferramenta didática. De acordo com os resultados encontrados, defende-se que a escola contemple em seu currículo uma atenção significativa para essa temática, e que possibilite formação aos professores para que possam proporcionar aos educandos discussões, valorizando as diferenças e o respeito dentro e fora da escola.

**Palavras-Chave:** Abordagem de Gênero. Heteronormatividade. Livro Didático.

---

\* Aluno de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I  
E-mail: karinyrayany@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Estamos vivendo em um período moderno passando por várias transformações ao longo dos séculos. No entanto, algumas discussões essenciais para a educação ainda continuam sendo verdadeiros tabus, verdadeiros campos minados, e porque não dizer uma guerra conflitante de pensamentos divergentes.

Nesse sentido, observa-se a implicação voltada constantemente para a temática de gênero dentro do âmbito educacional em uma realidade que não pode mais ser simplesmente ignorada. Dessa forma, busca-se com o presente trabalho, promover uma discussão que oportunize a construção de um olhar mais crítico, atentando para essas questões de gênero e sexualidade e as formas como elas estão inseridas e vem sendo trabalhadas no contexto escolar.

A concretude desse trabalho, foi necessário enveredar pelo caminho das leituras que trazem à baila a perspectiva teórica da pedagogia do gênero, buscando uma compreensão acerca da discussão de gênero e sexualidade no contexto escolar, e de como as concepções teóricas sobre esse tema são tratadas no campo de pesquisa.

Segundo Harawy (1995, p. 221, citado por LOURO, 2007, p. 206) “Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplos terrenos de luta”. Com base nessa afirmação teórica, gênero assim como definido por Haraway (1995), é um conceito que tem a finalidade de colocar em questão as diferenças sexuais e discutir a desconstrução da sua naturalização, sendo assim, compreende-se gênero como uma construção social que se amplia e se mostra em nosso cotidiano e passa muitas vezes despercebida por sua sutileza, quase que imperceptível.

No entanto, as pesquisas que abordam esse tema são relativamente recentes e um tanto evitadas pelas questões polêmicas que trazem consigo, o que reflete diretamente no campo educacional, mais especificamente nas salas de aula espalhadas pelo país. Porém, mesmo sendo um assunto evitado, em meus momentos de atuação em sala de aula foi possível observar a necessidade de uma conversa sobre o assunto, e de certa forma me vi em um terreno desconhecido para argumentar com propriedade e compartilhar desse conhecimento com meus alunos,

que em alguns momentos se mostraram confusos, curiosos e com algumas características sinalizando um preconceito contorcido e gritante que deveria sem dúvida ser analisado mais criteriosamente.

Entretanto, não pode ser desconsiderada a existência da temática inserida de uma forma disfarçada ou oculta em alguns livros didáticos utilizados nos anos iniciais do ensino fundamental, bem como esquecida e ignorada em outros. Neste sentido, percebe-se a necessidade de uma análise mais apurada e criteriosa dos livros que estão sendo utilizados pelos professores nos anos iniciais, para que esse tema possa ser estudado, abordado e debatido com propriedade quando surgirem dentro das salas de aula, sem que o professor sinta-se despreparado para discutir democraticamente com seus alunos de uma forma a levar o conhecimento, respeito e uma construção de indivíduos éticos socialmente.

As discussões de gênero e sexualidade continuam sendo vistas, estudadas e debatidas por diferentes pessoas e em diferentes espaços, até mesmo de forma oculta, e estão sujeitas às mais diversificadas interpretações. Não acontece diferente nos espaços de construção social e conhecimento, como em instituições escolares na preparação dos alunos para uma vida com ética e cidadania. Diante da importância do papel que a escola desempenha na construção social e cultural dos alunos, é indispensável uma formação voltada para desconstruir estereótipos, quebrar tabus e combater o preconceito.

A discussão de gênero e sexualidade em sala de aula se mostra relevante à medida que, traz consigo a possibilidade de promover uma reflexão diante dos comportamentos sociais que marcam a idade moderna, para que dessa forma a escola possa construir positivamente um pensamento crítico e reflexivo, tendo como característica norteadora o respeito à diversidade presente nos espaços de convivência social.

Embora esses temas atualmente sejam fortemente criticados, combatidos e mal interpretados em nossa sociedade, mais especificamente entre alguns cristãos e ainda mais forte entre os evangélicos, que guiados por líderes religiosos propagam discursos caracterizados mais com a finalidade de combater a diferença, do que de buscar compreendê-la para relacionar-se com o próximo de um modo saudável e harmonioso, opondo-se até mesmo diante da luta dos homossexuais e dos que erguem a bandeira em favor das minorias pela igualdade de direitos e liberdade de

expressão, essa luta já ultrapassou as portas do senado, com projetos destinados a assegurar esses direitos tão almeçados.(RODRIGUES, 2017).

Porém, com essa intolerância à diferença, os evangélicos continuam representando uma grande parcela da sociedade que se mostra contra a implantação de leis que se propõem a barrar o preconceito. (LOPES, 2008).

Infelizmente a discriminação não se remete apenas a pessoas religiosas, o preconceito está nas ruas, nas casas e nas instituições. Existe também uma parcela da sociedade dotada de preconceito sem apresentar critérios religiosos, justificam seu preconceito apenas por não admitirem diferenças relacionadas aos gêneros e sexualidades em sua pluralidade existencial.

Essas pessoas educam seus filhos, familiares, vizinhos e pessoas envolvidas em algum tipo de vínculo afetivo, da forma como acreditam ser a “correta” e geralmente essa forma “correta” de viver e encarar o próximo é marcada por discriminação e intolerância a tudo que foge dos padrões pré-estabelecidos dentro desses grupos sociais.

Dessa forma, recebemos em nossas escolas alunos ensinados segundo essas interpretações contorcidas, e seu posicionamento diante das diferenças para com a diversidade promove e intensifica terrenos de luta e disputa conflitante entre pensamentos divergentes, o que ocasiona brigas verbais ou até mesmo violência física, deixando exposta a necessidade de uma formação desde os anos iniciais, pautada no respeito à diferença. E porque não contar com essa discussão dentro da ferramenta mais utilizada pelo professor no processo de ensino-aprendizagem e considerada acessível, já que o aluno dispõe deste material durante o seu percurso letivo? Trata-se, pois, de se verificar como as questões de gêneros são abordadas no livro didático.

Diante do exposto, questionou-se: até que ponto a discussão de gênero é abordada nos livros didáticos utilizados nos anos iniciais do ensino fundamental?

Para tal, foi conduzida uma análise documental realizada em cinco livros didáticos da área de Língua Portuguesa (L. P.), dos anos iniciais do Ensino Fundamental (E.F.), disciplina esta, selecionada por acreditar-se que seus conteúdos contemplem as questões relacionadas a gênero, por conter um maior número de gêneros textuais compostos por conteúdos temáticos diversos, e por abordar uma concepção de língua enquanto acontecimento sociointeracionista entre

interlocutores de uma dada comunidade comunicativa. (MARCUSCHI, 2008; KOCK, 2014)

Desta maneira, o objetivo geral desta investigação se constitui em analisar como tem sido apresentada a discussão de gênero nos livros didáticos dos anos iniciais do Ensino Fundamental; objetivos específicos: (I) Identificar se nos livros didáticos de língua portuguesa do 1º ao 5º apresentam textos que contemplem a questão de gênero; (II) Averiguar como as atividades de interpretação estão propostas, e se essas atividades promovem um debate reflexivo sobre o respeito às diferenças no que se refere a questões de gênero, e (III) Observar como os livros didáticos podem contribuir para minimizar os conflitos relacionados a gênero nas discussões em sala de aula.

Além desta introdução, este artigo é composto pelo referencial teórico, pela metodologia adotada, seguido dos resultados e discussão dos dados, pelas considerações finais, pelas referências utilizadas e pelos anexos, sendo estes últimos, as fontes documentais analisadas neste manuscrito.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A diversidade cultural é uma das temáticas inseridas no currículo e exigida nas práticas pedagógicas, e precisa ser trabalhada nas salas de aula espalhadas pelo nosso país, para que se possa alcançar o reconhecimento da existência dessa diversidade cultural brasileira na formação populacional de seus integrantes, e ao mesmo tempo estabelecer um conhecimento voltado às questões referentes ao respeito à diversidade.

Sendo assim, dentro desse discurso relacionado à diversidade, estão inseridos os temas gênero e sexualidade, temas esses que se fazem presentes na vida dos sujeitos antes mesmo de que os alunos sejam colocados nas instituições escolares. Em sua maioria, alguns desses alunos apresentam conhecimentos prévios sobre as temáticas de gênero e sexualidade. No entanto, a compreensão e interpretação desses temas manifestam-se um tanto contorcidas. Isso é perceptível nas ações e colocações que os alunos fazem no momento em que surge algum debate que esteja associado aos temas de gênero e sexualidade. Entretanto, a escola reforça esses comportamentos verbais e atitudinais preconceituosos nos

momentos de atuação, na modelação dos corpos embasada em um currículo oculto que pode ser definido:

O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes [...] o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações [...]. Entre outras coisas, o currículo oculto ensina, em geral, o conformismo, a obediência, o individualismo [...] aprende-se, no currículo oculto como ser homem ou mulher, como ser heterossexual ou homossexual, bem como a identificação com uma determinada raça ou etnia. (SILVA, 2002, p. 78-79, citado por JUNQUEIRA, 2010, p.209).

Esse currículo transmite valores, procedimentos e crenças que influenciam na concepção de mundo e na leitura que os alunos fazem da realidade à sua volta, podendo apresentar um retorno tanto positivo quanto negativo, de acordo com a intencionalidade a que se destinam esses procedimentos, e isso acontece por seu caráter implícito que perpassa entre as relações estabelecidas na vivência escolar.

Nesse sentido, se o currículo oculto estiver enraizado no eixo da heteronormatividade, que nada mais é do que um conjunto de disposições que se pauta em discursos, valores, práticas e etc., a escola é um espaço obstinado à produção, reprodução e atualização dos parâmetros da heteronormatividade. Segundo Junqueira (2010), a heteronormatividade normaliza a heterossexualidade e a coloca dentro dos padrões sociais dominantes considerados corretos, tratando as demais diferenças de maneira excludente e na escola. Dessa forma, se torna essencial uma intervenção do educador para que essas conclusões precipitadas e contorcidas não se perpetuem nem sejam disseminadas erroneamente entre os alunos.

As questões de gênero e sexualidade atuam em várias situações no cotidiano das relações humanas. Desde muito cedo a sociedade começa a modelar de acordo com os seus padrões preestabelecidos, o comportamento, criação de estereótipos com o que acredita ser o correto para o coletivo, e na maioria dos casos esses padrões excluem de maneira significativa as minorias, e todas essas construções sociais repercutem dentro do âmbito escolar.

## 2.1 Gênero e sexualidade

Por vários séculos a divisão do masculino e do feminino vem sendo construída histórico e socialmente, e conseqüentemente com o passar do tempo criando novos arranjos e novas formas de expressão dentro do contexto social.

Porém, mesmo com essa construção ao longo do tempo, se espera dos indivíduos a devoção à heteronormatividade, devendo as pessoas agir de acordo com o que se estipula os conceitos heteronormativos, ou seja, os indivíduos devem somente seguir aquilo que está presente nos parâmetros heterossexuais caso contrário serão marginalizados, ignorados ou perseguidos por crenças, políticas e práticas sociais. Sendo assim, tal conceito estipula que a orientação sexual normal é tão e somente aquela em que o sexo ocorre entre pessoas de sexos diferentes, fêmea e macho, devendo, no entanto, enquadrar cada indivíduo dentro de normas integralmente masculinas ou femininas (MEYER, 1991).

A discussão do conceito de gênero começou a surgir com base em uma afirmação feita por Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher.” (LOURO, 2007; p. 206). Em suas palavras, a autora feminista evidencia o processo de construção de identidade baseada nas relações entre sociedade e cultura e a sua influência na vida dos sujeitos. O conceito de gênero e suas implicações passaram a ser atrativos, e as feministas que a sucederam continuaram a reflexão para combater o determinismo biológico, que era a definição predominante da época, o qual argumentava que a vida é determinada pelas características biológicas do corpo.

Sendo assim, criou-se uma forma de compreender o que é ser homem e o que é ser mulher, partindo-se inicialmente de questões relacionadas a esse determinismo, questões essas que foram ao longo do tempo gerando uma padronização de comportamentos considerados corretos de acordo com o sexo dos sujeitos, se feminino, esperava-se um comportamento, se masculino, outro. (LOURO, 2007).

Essa teoria do determinismo biológico, ao ser contestada e discutida pelas feministas, despertou estudos voltados à mulher e ao seu papel social. Com esse interesse e alguns estudos, passou a ser construído o conceito de gênero.

Para Louro (1997, p. 77):

Gênero refere-se ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto. Isso quer dizer que não é propriamente a diferença sexual - de homens e mulheres - que delimita as questões de gênero, e sim as maneiras como ela é representada na cultura através do modo de falar, pensar ou agir sobre o assunto.

Antes mesmo do nascimento as questões de gênero se fazem presentes em nossas vidas, já na escolha das cores para os enxovais, se for menina, rosa, se for menino, azul. Ao nascermos essas questões só vão aumentando. Na escolha dos brinquedos, meninas, bonecas, para despertar o instinto maternal, casinhas repletas de mini utensílios do lar para que ela já possa ir desenvolvendo o cuidado com a casa e organização doméstica. Para os meninos tudo que liga ao mundo externo, carrinhos, para desenvolver a noção de que um dia terá que lidar com o trânsito, assim como seu pai, pois em algumas famílias apenas o homem dirige, bola para que ele aprenda a jogar futebol, brinquedos de montar e etc. As meninas querem ser princesas, meninos cavaleiros e super-heróis, e fica no ar o questionamento: Será que eles fazem essas escolhas espontaneamente?

Conforme Meyer (2005), se olharmos para esses comportamentos de uma forma reflexiva, vamos observar a influência que as relações de gênero exercem na vida dos sujeitos. A mídia reforça isso nos filmes de princesas, nos desenhos, as famílias tradicionais reforçam em seus discursos diários, e a escola estando baseada no eixo do tradicionalismo ou não tem um papel social muito importante nessa doutrinação de gênero e também reforçará essas questões.

Desta maneira,

O conceito de gênero enfatiza a pluralidade e conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos masculinos, torna-se necessário admitir que isso se expressa pela articulação de gênero com outras marcas sociais, tais como classe, raça, etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade. É necessário admitir também que cada uma dessas articulações produz modificações importantes nas formas pelas quais as feminilidades ou as masculinidades são, ou podem, ser vividas e experienciadas por grupos diversos, dentro dos mesmos grupos ou ainda pelos mesmos indivíduos, em diferentes momentos de sua vida. (MEYER, 2005, p. 17).

Como é possível observar na passagem acima, as questões de gênero são construídas de acordo com a cultura, o tempo e a história. Dessa forma, variam de acordo com o contexto social em que estão inseridas, então outros fatores sociais como: classe social, etnia, sexualidade e tantos outros aspectos que fazem parte do processo de construção de identidade dos sujeitos também terão a sua parcela de contribuição nesse processo.

Assim como as relações de gênero atuam com mais força na idade moderna, a sexualidade também tem a sua representatividade dentro de diferentes contextos e faz parte da formação histórica e cultural dos sujeitos. Em 1996 o Ministério da Educação fez a inserção da sexualidade dentro dos temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (PCN's) que afirmam que a sexualidade é concebida como componente natural, algo necessário e fonte de prazer na vida; uma necessidade básica; uma potencialidade erótica do corpo; além de ser impulso de desejo vivido no corpo (BRASIL, 1998).

No entanto, sua finalidade não objetivava primordialmente a promoção de um discurso democrático, reflexivo e crítico sobre a sexualidade, mas a intencionalidade de informar sobre o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) não levando em consideração a necessidade de discutir e problematizar as implicações da sexualidade enquanto fator atuante na singularidade dos sujeitos, sua finalidade era mais informativa e preventiva que formadora (BRASIL, 2007).

Para compreender a importância da sexualidade dentro do âmbito educacional é importante antes de mais nada, compreendermos seu conceito, sua definição. Um dos teóricos que se preocupou com o saber relacionado à sexualidade foi Michel Foucault. Para este autor,

A sexualidade é o nome que se dá a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas a grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1997; p. 100)

Compreende-se que, assim como gênero, o conceito de sexualidade não está associado unicamente à naturalização e às questões biológicas baseando-se na ideia de que todos vivemos a sexualidade dos nossos corpos na mesma sequência

ou do mesmo modo, mas entendermos a sexualidade como um dispositivo histórico, construído socialmente e interligado à cultura.

Pensada a partir desta perspectiva, a sexualidade se constitui no decorrer da vida dos sujeitos e as suas representações variam de acordo com a cultura em que esses sujeitos estão inseridos. Ela se manifesta de acordo com a realidade e as experiências de cada pessoa, resultante da cultura e da história, dando origem às identidades sociais.

De acordo com Arcari (2011), a sexualidade está presente antes de nascermos, no processo de formação dos órgãos genitais e se mostra de várias formas, se modifica no decorrer da vida. Não remete apenas à relação sexual, mas está presente nos processos físicos, psicológicos, e construções humanas de afetividade. É um traço íntimo de prazer, sensações, descobertas, desejo dos corpos, fantasias, não associada apenas ao sexo, mas à apropriação de identidade internalizada e todas estas características estão arraigadas ao contexto em que as pessoas estão inseridas.

Louro (2015) aponta que essas identidades não são obrigatoriamente definitivas, mas transitórias, pois reconhece identidade como um processo complexo à medida que os pensamentos e pontos de vista se modificam. O que é considerado atualmente atrativo hoje, amanhã pode não ser, tornando-se descartável. As identidades sexuais e de gênero são instáveis e se apresentam com esse caráter fragmentado, plural, histórico e cultural. No entanto, nas diversas sociedades, incluindo a nossa, a norma padrão que se estabelece é homem branco, pertencente à classe média e urbana, heterossexual, e cristão, esse é o perfil considerado ideal pela sociedade. Partindo desse padrão é que todos os outros serão nomeados e qualificados, partindo dessa referência.

E partindo dessa norma, a sociedade classifica os sujeitos, estabelecendo divisões, dignando rótulos e construindo estereótipos, fazendo separação entre os sujeitos e grupos, assim como também discrimina e marginaliza, em uma sociedade onde a heterossexualidade é considerada como o natural e o modo normal das pessoas viverem a sua sexualidade, espera-se que todos os sujeitos apresentem os mesmos critérios ao escolherem os seus parceiros representantes do sexo oposto para desenvolver uma relação de afetivamente. Contudo, não é o que ocorre, na medida em que algumas pessoas tem preferência em relacionarem-se com pessoas pertencentes ao mesmo sexo (LOURO, 2015).

## 2.2 Disciplina dos corpos

Foucault (2000) trata da questão da disciplina dos corpos, que não se confunde com os aspectos referentes a gênero e sexualidade. Corpos se traduz em uma junção inerente do material físico/biológico com tudo aquilo que rodeia o ser, pois se fundamenta crucialmente no âmbito cultural e social que a este ser se atribui, já gêneros acima visto, transcende os aspectos meramente físico/biológico, se trata da condição social pela qual se identifica o ser, como por exemplo, masculino ou feminino, bem como, sexualidade é variante de cultura e sociedade, atrelado mais ao prazer e ao desejo sexual anteriormente descrito.

É mister discorrer do que se trata a disciplina dos corpos. David Le Breton (2006) afirma que o corpo é o que nos faz existir, é o elemento essencial à existência, logo o corpo se trata do que somos, e isto é uma junção do físico/biológico com o meio a qual se está inserido. Assim, nem mesmo aquilo que é natural existe sem a intervenção da cultura. Sendo assim, estabelece Foucault (2000) que o corpo revela a educação a qual foi submetido, assim como, o que deve produzir na medida em que torna as pessoas diferentes e ao mesmo tempo semelhantes, ou seja, o método disciplinar resulta na construção do indivíduo.

Anjos e Lima (2016) relata que Foucault, ao invés de tomar a sexualidade como um dado prévio e natural, buscou relatar as relações de poder e estratégias políticas postas em prática, sendo estas as responsáveis por gerar o efeito que produz essa sexualidade, através de incitação dos corpos, no nível dos pensamentos, dos gestos, dos comportamentos e do desejo. Ainda conforme as autoras, Foucault afirmou que o dispositivo de sexualidade foi se consubstanciando a partir do século XVIII, como um ponto essencial da grande rede discursiva que age sobre e através de nossos corpos. Neste mesmo século, por exemplo, os soldados passaram por uma disciplinarização dos seus corpos para atender aos ideais que se almejavam, passando a ser aquilo que se podia fabricar. Com as crianças ocorre o mesmo, os pais visam à disciplina dos corpos por terem em mente ser aquilo que é o normal, correto e aceitável para os parâmetros que a sociedade exige.

Conforme Louro (2015), a escola é vista como um instrumento balizador dessa disciplinarização, tendo em vista ser o local que trabalha o conhecimento intelectual dos indivíduos. Evidentemente é a fundamental importância que possui a instituição escolar na educação dos indivíduos, na modelagem dos seres humanos e

consequentemente na disciplina corporal que se submetem. Neste sentido, o corpo escolarizado se torna capaz de ficar sentado por um longo tempo, e tem uma maior habilidade para se expressar através de gestos ou de comportamentos que indiquem o interesse e a atenção que se usa para determinadas coisas, mesmo que exponham essas atitudes de forma incorreta, já que, o corpo disciplinado pela escola é treinado e segue determinados padrões que se encaixam no aceito de forma correta perante a sociedade.

### **2.3 Gênero e sexualidade no contexto escolar**

É fundamental uma compreensão pautada em um olhar crítico com a aplicação de práticas pedagógicas desenvolvidas para assegurar o respeito às diferenças. Levando em conta a função social da escola nesse processo de construção de identidades e na transmissão de conhecimentos, é essencial que a escola oportunize em seus momentos de transmissão de conhecimento, uma discussão democrática sobre as questões sociais, e para que isso aconteça, além de inserir esses temas nos currículos, é preciso que a escola esteja apta a proporcionar aos professores uma formação que atenda as questões relacionadas a gênero e sexualidade, para que dessa forma, o professor sinta-se seguro e tenha apropriação do conteúdo, podendo contribuir na construção crítica, respeitando a singularidade de seus alunos dentro e fora da escola.

Como afirma Louro (1997)

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (LOURO, 1997 p. 57).

A escola age diretamente na construção social dos sujeitos e seus valores variam de instituição para instituição, pois não podemos afirmar que os ensinamentos de uma escola católica são os mesmos aos de uma escola que busca manter as questões religiosas à parte dela mantendo-se laica, ou seja, uma escola

desvinculada da igreja com uma educação que não contém dentro do seu currículo ensinamentos sagrados, a escola forma os sujeitos segundo seu currículo. Dessa forma, uma escola que transmite ensinamentos sagrados não influenciará na formação religiosa de seus alunos? Da mesma maneira a escola separa seus alunos entre si por gênero masculino de feminino, meninos de meninas.

Desde muito cedo na organização das filas em creches, onde meninos ficam de um lado meninas do outro, nas brincadeiras onde os meninos jogam bola, apostam corridas, já as meninas ficam com as brincadeiras mais delicadas e consideradas menos violentas, onde espera-se que as meninas apresentem um comportamento gracioso e frágil. Todavia, percebe-se que alguns dos alunos em seus momentos de recreação não se identificam com as brincadeiras a eles destinadas e permitidas, causando constrangimento por parte dos que sentem-se um tanto deslocados em querer participar das brincadeiras designadas ao gênero oposto, como por exemplo quando uma menina quer brincar de futebol ou um menino quer brincar de casinha.

Se a escola não dispor dentro do seu currículo de uma perspectiva de recreação que faça com que seus alunos brinquem de qualquer brincadeira sem sentirem-se julgados de acordo com seu gênero, os alunos que se sentem deslocados ou irão enfrentar deboche e zombaria por parte dos seus colegas, ou se contentar em brincar apenas do que é considerado correto dentro do seu gênero, ou na pior das hipóteses, se abster de participar do momento de recreação oferecido na instituição por não considerar convidativas as brincadeiras disponíveis e classificadas corretas segundo as normas estabelecidas por gênero

À medida que entendermos que os gêneros e as sexualidades são construídos socialmente, passamos a atentar para a necessidade de sua discussão no espaço escolar, uma vez que esses fatores estão presentes no processo de aprendizagem de construção social e ética dos sujeitos. Assim, Nogueira (2010) afirma que:

A educação, compreendida de maneira ampla, é um dos processos mais eficientes na constituição das identidades de gênero e sexual. Em qualquer sociedade, os inúmeros artefatos educativos existentes têm como principal função com/formar os sujeitos, moldando-os de acordo com as normas sociais (SABAT 2007, p.194 citada por NOGUEIRA 2010, p.16).

Compreendendo que a escola molda os comportamentos, constroem saberes e disciplina os corpos, é fundamental que propicie uma reflexão levando em conta os processos de construção de identidade de seus alunos, gerando mudanças no comportamento e na concepção das diferenças em uma perspectiva que favoreça a diversidade em suas especificidades. Um dos maiores fatores que impedem que esse processo educativo aconteça e torne-se legítimo é seu caráter polêmico consequente de uma sociedade preconceituosa.

Segundo Rohden (2009), o estabelecimento de ensino, portanto, é um espaço que precisa estar livre dos dogmatismos, garantindo de fato a liberdade do direito de escolha, assim como o respeito às diferenças para que a escola não seja apenas uma reprodutora de conhecimentos, mas torne-se um mecanismo significativo na valorização da cidadania dos seus alunos.

De acordo com Nogueira (2010), as instituições educacionais recebem alunos de diferentes culturas, etnias e classe social, e o que fica perceptível é a ausência de uma formação de professores voltada para essas temáticas, assim como a escassez de um material didático adequado abrangendo essas questões, e que estejam ao alcance dos docentes, assim como a importância que deve ser dada na escolha dos docentes, para que estes estejam desvinculados de preconceitos, crenças e religião, para que esses fatores não acarretem em consequências negativas na construção de saberes voltados às questões de gênero e sexualidade.

Arcari (2011) afirma que a criança não deve ser vista como ser assexuado. Compreender a sexualidade da criança e aceitá-la é um passo importante para uma educação saudável e consciente. Uma vez que está dentro dos parâmetros curriculares, a escola junto com a equipe pedagógica devem buscar formas de incluir em seu currículo os temas transversais, adequando-os aos conteúdos, e para o professor está o papel de orientador e formador de valores. Para que isso ocorra é necessário uma formação docente que possibilite ao professor, segurança e domínio de conteúdo, fazendo com que esse educador se sinta apto a discutir com seus alunos as questões de gênero e sexualidade, sem sentir-se desconfortável ou despreparado para tal.

Assim como cita Arrais (2015), no ambiente escolar contar com a formação de professores capacitados e aptos a falar sobre gênero e sexualidade, promovendo uma roda de conversa sincera, objetivando um ideal de respeito e cidadania, pode sim fazer com que esses valores perpassem as portas das escolas e fazer com que

os alunos possam, através do conhecimento, repassar esses valores entre colegas, familiares e na comunidade em que residem.

Dentro dessa abordagem, a formação continuada de professores possui um papel relevante, uma vez que preparar professores para refletirem e trabalharem com a diversidade cultural no contexto escolar significa abrir espaços que permitam a transformação da escola em um local em que as diferentes identidades são respeitadas e valorizadas, consideradas fatores enriquecedores da cidadania. (CANEN; XAVIER, 2011, p. 643-644).

Diante do exposto, fica notória e significativa a formação continuada do professor no processo de aprendizagem do aluno para que tenha uma atuação qualificada e que promova mudanças nos comportamentos de seus alunos na sala de aula, bem como nas interações com o mundo externo.

#### **2.4 Livro didático como instrumento de mediação do conhecimento**

O livro didático trata-se de uma das ferramentas pedagógicas mais utilizadas no processo educativo realizado pela escola e por sua equipe de docentes, sendo visto como uma das peças fundamentais na engrenagem durante o processo de escolarização, pois nele estão contidos os conhecimentos que serão transmitidos durante o período de vivência dos alunos nas instituições escolares.

O livro didático faz parte da história da escola e é um dos investimentos que o governo brasileiro faz quando se trata de educação. O processo de avaliação dos livros didáticos é realizado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), dentro das escolas públicas nos ensinos fundamental e médio. O trabalho com o livro didático deve se pautar no diálogo entre conhecimento aluno e professor, buscando resultados positivos e eficazes na aprendizagem dentro da sala de aula e nas atividades extra classe.

Na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) é obrigatório que a criança ingresse aos 6 anos no ensino fundamental para que essa atinja sua formação como cidadã, tendo como princípios norteadores o respeito, tolerância valorização das culturas, a educação étnico-racial entre outras, de acordo com o Art. 32. Essa mesma lei ratifica que a criança tenha o direito de aquisição dos processos de leitura e escrita, cálculos matemáticos, arte, habilidades, tecnologia, valores éticos, tolerância, solidariedade e fortalecimento e reconhecimento da importância

das relações e do convívio com família, conhecimentos esses que assegurem uma boa construção social. Para que esses conhecimentos estejam contidos no livro didático, o mesmo precisa ser posto em um processo avaliativo através de sua inscrição no PNLD, para avaliar se atende aos requisitos exigidos e se conseqüentemente podem ser encaminhados as escolas. (BRASIL, 2016).

Os conteúdos abordados nos livros didáticos precisam conter informações corretas, e a seleção deve ser feita com base na proposta curricular das escolas e levando em consideração a realidade dos alunos. A estrutura do livro deve ser integrada e interdisciplinar, possibilitando um aprendizado mútuo. O PNLD também traz a importância da temática de gênero, de uma educação não sexista, que valorize a diversidade, o respeito e que combata a homofobia, buscando o alcance de uma sociedade justa que exerça um comportamento coletivo com cidadania e respeito. (BRASIL, 2016).

Os livros didáticos contém muitas vezes o perfil de como ser um bom cidadão, abordando assuntos sejam em enunciados de questões ou em histórias, assim influenciando diretamente na formação de cada pessoa. Por isso são tão polemizados os livros didáticos, muitas vezes quando trazem informações sobre gênero, embora essa temática esteja presente como conteúdo a ser trabalhado dentro do livro, algumas escolas, professores e até mesmo famílias acreditam que não é correto ensinar esse conteúdo, e isso ocorre devido à presença constante de um pensamento errôneo que discorda dessas práticas educativas, acreditando que não se enquadram no padrão normal estipulado pela heteronormatividade, devido ao poder de construção corporal dos indivíduos.

Ainda mais se é polêmico, quando os livros didáticos são para crianças nos anos iniciais de formação estudantil, devido muitas vezes à intolerância dos pais para tratar os assuntos relacionados a diferenças, principalmente no que se refere à temática de gênero, por receio de seus filhos se tornem “aquilo” que se apresenta nos livros, devido à escola ter um papel fundamental na disciplinarização dos corpos.

As questões relacionadas a gênero e sexualidade embora façam parte da vida dos sujeitos e comecem a se fazer presentes no processo de construção de identidade muito cedo, estão presentes em diversos recursos midiáticos tais como, em vídeos de informação e conscientização, em novelas, entrevistas, notícias e redes sociais. Contudo, ainda se deparam com opiniões preconceituosas, e essa

temática sendo representada nos livros didáticos, quando não é silenciada, é abordada de forma insuficiente e temida, pois gera receio por parte do professor no momento de discussão por seu despreparo para trabalhar o tema de uma forma reflexiva, aberta e adequada ao nível dos alunos, por não ser um assunto valorizado socialmente. (CANEN; XAVIER, 2011).

A escola tem um papel crucial no processo de construção e formação de cidadãos críticos e éticos, que compreendam e respeitem a diversidade e as diferenças. Sendo assim, a responsabilidade de trabalhar os temas transversais deve ser tratada como conteúdo indispensável na sala de aula, e esse trabalho precisa ser realizado através da mediação e da interação entre educador, metodologia, recursos pedagógicos e educando. Para que esse processo tenha êxito, as temáticas de gênero e sexualidade precisam chegar até a sala de aula não apenas em um discurso informal, ou em roda de conversa, mas que esteja presente nos materiais pedagógicos e nas ferramentas de mediação do conhecimento. Sendo essa temática problematizada e refletida na escola, uma dessas ferramentas é o livro didático, um recurso que está ao alcance tanto do professor, quanto do aluno, mas para que esses temas sejam trabalhados dentro dos livros didáticos, se fazem necessárias realizações de pesquisas voltadas para a análise da temática de gênero e sexualidade e de como essas temáticas são abordadas nos livros. Embora a proposta do Programa Nacional Do Livro Didático (PNLD) incluía a inserção de conteúdos de gênero e sexualidade nos livros didáticos, essas áreas de conhecimento ainda encontram resistência ou simplesmente são ignoradas e passam despercebidas por equipes encarregadas de fazer a avaliação dos livros didáticos, por serem temáticas ainda vistas com preconceito.

Atualmente precisamos estar aptos a nos deparar com diferentes arranjos e rearranjos sociais e familiares, entre outros, pois ainda vivemos em uma sociedade que, embora considerada moderna, encontra-se muito arraigada em estereótipos e preconceitos, apresentando características sexistas e machistas e esses fatos precisam ser combatidos, discutidos e estudados. Consideramos importante e indispensável direcionar pesquisas e estudos voltados a questão de gênero, como ele é abordado dentro das salas de aula e dentro dos livros didáticos, que são os materiais presentes no cotidiano escolar do aluno e do professor, materiais esses que dependendo das instituições governamentais, são selecionados e colocados no intuito de auxiliar no processo educativo, com a intervenção do professor e com

conteúdo adequado, o livro didático pode sim promover uma forma ética de enxergar o mundo, um comportamento cidadão baseado no respeito às diferenças. Dessa forma, torna-se crucial que a discussão de gênero esteja presente nos livros didáticos, para que seja possível criar uma sociedade que respeite a diversidade e não apenas a respeite, mas que a compreenda.

### **3. METODOLOGIA**

Para realização dessa pesquisa utilizou-se o delineamento análise documental, uma vez que optou-se pela construção dos dados analisados por meio de fontes que possibilitaram o conhecimento mais objetivo da realidade, bem como os livros didáticos analisados apresentam a abordagem de gênero (GIL, 2008).

Desta maneira, foram analisadas duas coleções de Língua Portuguesa do 1º ao 5º ano, para verificar como as questões relacionadas a gênero estão sendo abordadas dentro dos livros didáticos que são utilizados como ferramenta pedagógica nos processos de mediação do conhecimento construído nas salas de aula.

#### **3.1. Livros analisados**

Livro A: Português Linguagens do 4º ano do Ensino Fundamental – Anos iniciais, 5ª edição, está organizado em quatro unidades de ensino-aprendizagem, distribuído em 256 páginas, contando com a capa, folha de rosto e dados catalográficos, apresentação, sumário e bibliografia. (ANEXO A).

O livro traz quatro unidades temáticas. Três unidades com três capítulos e apenas uma unidade com quatro capítulos, sempre finalizando a unidade com uma oficina de criação de projeto, unidades essas intituladas da seguinte forma:

<b>Organização Temática do Livro A</b>
Unidade temática 1: Em Família (12 – 60 p.) Capítulo I: Pausa para descanso (12 – 15 p.) Capítulo II: Rumo ao desconhecido (15 – 37 p.) Capítulo III: No fundo do baú (38 – 60 p.)
Unidade temática 2: Viva a diferença (68 – 114 p.) Capítulo I: Meu pai é um cachorro (68 – 72 p.) Capítulo II: Pequenos que são grandes (72 – 91 p.) Capítulo III: A magia da leitura (122 – 125 p.) Capítulo IV: Brincadeira que não tem graça: Bullying (92 – 144 p.)
Unidade temática 3: A magia da leitura (112 – 160 p.) Capítulo I: A leitura e suas viagens (122 – 125 p.) Capítulo II: Eterno maluquinho (125 – 145 p.) Capítulo III: O voo da palavra (145 – 160 p.)
Unidade temática 4: Navegando na rede (168 – 217 p.) Capítulo I: A magia do toque (168 – 161 p.) Capítulo II: A criança e a tecnologia (171 – 194 p.) Capítulo III: A internet e seus riscos (195 – 217 p.)

Livro B: Português Linguagens do 5º ano do Ensino Fundamental – Anos iniciais, 5ª edição, também está organizado em quatro unidades de ensino-aprendizagem, distribuído em 272 páginas, contando com a capa, folha de rosto e dados catalográficos, apresentação, sumário e bibliografia. (ANEXO B)

Também organizado em quatro unidades, cada unidade contendo três capítulos e ao final de cada unidade uma sugestão de oficina de projeto, organizados da seguinte forma:

<b>Organização temática do Livro B:</b>
Unidade temática 1: Lições de sabedoria (12 – 63 p.) Capítulo I: A visão do Paraíso (12- 15 p.) Capítulo II: A força e a astúcia (15 – 38 p.) Capítulo III: As Faces da Verdade (39- 63 p.)
Unidade temática 2: Valores (70 -123 p.) Capítulo I: Valores em contraste (70 – 73 p.) Capítulo II: Animais de laboratório: Uma questão de ética? (73– 97 p.) Capítulo III: Valores suas cores suas dores (122- 125 p.)
Unidade temática 3: Em cena (130- 181 p.) Capítulo I: Uma homenagem ao cinema (98– 123 p.) Capítulo II: Em cena, o teatro (130 – 159 p.) Capítulo III: Teatro: A arte de ser o outro (145- 160 p.)

Unidade temática 4: Ser cidadão (188-235 p.) Capítulo I: Dois Mundos (160 - 191 p.) Capítulo II: O Pulo do Gato (192– 215 p.) Capítulo III: Infância roubada. (216- 235 p.)
--

Para a escolha dos livros didáticos analisados na pesquisa, optamos por livros de língua portuguesa porque geralmente apresentam uma maior variedade linguística de gêneros textuais e por ser uma coleção acessível, pois são livros atualmente trabalhados em sala de aula. Após análise da coleção Português Linguagens do Ensino Fundamental Anos Iniciais, encontramos a discussão de gênero apenas nos livros do 4º e 5º anos. Como já citado nesse trabalho, essa temática relacionada a gênero deve ser vista como um dos critérios exigidos no momento de avaliação do livro didático pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático).

A coleção Português Linguagens, foi aprovada pelo MEC (Ministério da Educação), e desde o seu lançamento ainda não passou por nenhuma reprovação. Seus livros de língua portuguesa encontram-se entre os cinco mais escolhidos pelo PNLD, contando com 1.255.918 exemplares distribuídos (SEMIS, 2017).

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A abordagem de gênero no livro (A) encontra-se na segunda unidade temática, intitulada de: “viva a diferença”, no terceiro capítulo, dentro da sessão que está trabalhando com o seguinte tema: “A brincadeira que não tem graça: Bullying”. Mais especificamente nas páginas (101,102, e 103) observou-se a presença de um texto de apoio localizado na sessão “texto puxa texto” escrito no gênero jornalístico no formato de entrevista com o título: “Bailarino há apenas dois anos, Galvin, 9, já ganhou cinco concursos nacionais nos EUA.” Escrito por Heloisa Brenhade na revista Folha de S.Paulo, Folhinha. 8/3/2014.

O texto fala da questão de um menino norte americano que se destaca em várias performances de dança, incluindo o balé e de como com apenas 9 anos já ganhou cinco competições de dança nos Estados Unidos. Influenciado por sua irmã que também gosta de dançar, a grande questão do texto, porém, trata-se do fato de

como a dança exige muito tempo dos irmãos, os seus pais precisam tomar a decisão de retirá-los ou não da escola, para que estudem em casa, uma vez que nos Estados Unidos é permitida que a educação dos filhos seja em casa e finaliza comparando a educação no Brasil, onde a presença das crianças na escola é obrigatória.

Após a leitura do texto o livro traz uma atividade de interpretação com cinco questões abertas. Na segunda questão, observa-se, especificamente a abordagem de gênero como se pode verificar abaixo:

No Brasil, ainda existe preconceito em relação a meninos que gostam de dançar. (CEREJA; COCHAR, 2014a, p. 102)

- a) De acordo com o texto, Gavin enfrenta esse preconceito?
- b) Nos Estados Unidos, o país de onde Gavin vive, há estímulos para meninos e meninas dançarem? Justifique sua resposta.

Atividades pedagógicas desta natureza possibilitam a discussão de gênero a partir de contextos socioculturais distintos, levando à reflexão por parte dos educandos a partir da mediação docente na construção da identidade de gênero. Assim, ao trazer uma pergunta indagando se o garoto sofre algum tipo de preconceito e ao fazer uma comparação com o Brasil onde ainda existe um preconceito relacionado a meninos praticarem danças habitualmente consideradas como femininas, favorece um momento para se problematizar as questões heteronormativas presentes em uma sociedade que determina os papéis e lugares de homens e mulheres internalizados nas relações entre as pessoas e presente na convivência dentro das instituições escolares. (LOURO, 1997, 2015; ARRAIS, 2015).

A questão 3, embora de modo sutil, também aborda a questão de gênero, pois como pode-se observar adiante, traz a posição dos pais do garoto bailarino. A pergunta é aberta e solicita justificativa da resposta, o que dá possibilidade de discussão na sala de aula sobre a posição dos pais de Gavin e como os alunos imaginam que seria a posição de pais brasileiros diante da opção pela dança por um menino de 9 anos.

3. Os pais de Gavin apoiam a opção do garoto pela dança? Justifique sua resposta. (CEREJA; COCHAR, 2014a, p.103).

Nos Estados Unidos a realidade de como são vistos meninos dançando balé é bem diferente da que encontramos no Brasil. Na maioria de casos semelhantes a este em nosso país, a família não assume uma postura que apoia os filhos, e esse comportamento social pode ser problematizado na sala de aula entre educadores e alunos, uma vez que o professor levante esses questionamentos, fazendo com que os alunos possam refletir e encarar questões desta natureza com uma visibilidade ampla e que valorize o respeito às diferentes escolhas e preferências dentro de diversos grupos sociais. (CANEN; XAVIER, 2011).

Sabendo que a escola tem o papel de construção do conhecimento, que não seja ela reprodutora dessa visão equivocada e carregada de estereótipos que classifica os sujeitos e reproduz desigualdades. (LOURO, 1997).

As demais perguntas estão relacionadas à questão da educação em casa, como acontece nos EUA e de como os alunos enxergam esse fato. Contudo, no título do texto não fica clara a questão do preconceito, tão pouco dentro do mesmo, pois trata-se de um menino vencedor de vários campeonatos de dança com apenas 9 anos de idade, levando em conta a realidade do menino que não sofre preconceito por suas preferências em relação ao balé.

O que observa-se é que o texto por si só não aborda o preconceito que os meninos que dançam balé ou danças mais líricas enfrentam, mas a atividade aborda um pouco dessa questão.

Contudo, ao analisar os textos e as atividades é possível observar que os textos e as atividades propostas não dão conta de levar os alunos a uma reflexão sobre o assunto sem a participação efetiva do professor, que deve mediar esse debate, caso contrário, o assunto será tratado de forma superficial meramente no caráter de perguntas e respostas a que os alunos estão acostumados, sem que aconteça uma reflexão do assunto.

Um livro didático composto por quatro unidades contendo na maioria das unidades três capítulos, traz a questão de gênero em apenas um texto e duas atividades complementares que favorecem a discussão. Essa evidência se revela insuficiente para problematizar e trabalhar essa abordagem. Mesmo estando dentro do livro didático, que não é frequente, faz-se necessário que essa temática gere debate e questionamentos que valorizem as questões de gênero que possam vir a surgir dentro da sala de aula. (CANEN; XAVIER, 2011).

Já o livro B, aborda a questão de gênero na capa do livro, apresentando uma menina vestida para jogar futebol, equilibrando uma bola em sua cabeça, que se o professor analisar e discutir, torna-se possível promover um debate relacionado a gênero em sala de aula antes mesmo de abrir o livro para explorá-lo. Na segunda unidade onde a temática de estudo é intitulada de: Valores, onde a discussão da questão de gênero fica mais evidente, pois as páginas 108,109,110,111 e 112, localizadas no terceiro capítulo, apresentam alguns textos que discutem a temática.

Na página 108 o texto aqui analisado é do gênero de reportagem (publicado na Folha de S. Paulo, 29/6/2013. Folhinha) e traz o seguinte título: “Elas também jogam... e eles também dançam.” Onde inicialmente fala sobre duas irmãs gêmeas brasileiras de 11 anos que gostam de jogar futebol, incentivadas pelo exemplo do irmão que também pratica o esporte, mas a reportagem deixa bem clara a questão do preconceito enfrentado pelas meninas ao optarem por essa modalidade esportiva, pois o futebol continua sendo visto por construções de significados sociais heteronormativas que determinam os comportamentos considerados corretos para homem e mulher, menino e menina, que ainda estão presentes nas relações das pessoas dentro do padrão heterossexual. As irmãs tem por inspiração a jogadora Marta da seleção brasileira.

A mesma reportagem traz subtítulo: “Bailarinos”, o preconceito enfrentado por meninos que fazem balé. A reportagem cita alguns meninos entre 11 e 12 anos que gostam dessa dança e inclui algumas falas dos próprios meninos e seus pais, onde eles falam da violência verbal que sofrem na escola, e que mesmo não enfrentando preconceito na sua família que os apoia, não acontece o mesmo fora de casa, pois a prática de bullying está muito presente no cotidiano desses meninos. “Muitas pessoas me zoam e outras não. Para mim, isso não tem nada a ver. Algumas coisas que são para menina também podem servir para meninos” disse Jônatas. (CEREJA; COCHAR, 2014b, p. 109)

A reportagem segue trazendo mais um subtítulo: Marta Boleira, “Há preconceito contra as mulheres no futebol”, que faz uma entrevista com a jogadora descrevendo a importância da sua presença na seleção e das suas conquistas, onde Marta deixa bem claro o preconceito que enfrentou e que ainda enfrenta por ser uma mulher dentro de um esporte visto pela maioria da sociedade como masculino, conforme observado na passagem da entrevista a seguir:

**Sofreu preconceito?**

Muito. Sou de Dois Riachos, no interior de Alagoas. As pessoas não viam com bons olhos uma menina jogando bola no meio de garotos, e minha família pensava da mesma forma. (CEREJA; COCHAR, 2014b, p. 109).

E para finalizar, na reportagem vem o último subtítulo: Thiago, Bailarino, “Hoje homens podem se destacar mais no balé”, que também traz uma entrevista com um bailarino de 32 anos brasileiro, mas que desde 2002 mora em Londres, alcançou várias conquistas como bailarino. No entanto, seu discurso em relação a preconceito é bem diferente se comparado ao texto anterior dos meninos brasileiros residentes do Brasil, pois Thiago fala que nunca percebeu preconceito relacionado à suas preferências na dança mais clássica.

As questões de gênero são delimitadas de acordo com a cultura que os sujeitos vivenciam, isso varia de acordo com o tempo. Dessa forma, a sociedade em que determinado sujeito se encontra fará a categorização e classificação dos comportamentos sociais adequados para esse sujeito. Com efeito, podemos observar que ao optar por gostar de jogar futebol dentro daquela cultura em que Marta se encontrava, não era e considerado comportamento adequado para as meninas, o que gerou a criação de um estereótipo negativo que ela enfrentou em sua casa com a sua família e no convívio social mais amplo, resultando em discriminação e preconceito. (LOURO, 1997; 2015; NOGUEIRA, 2010).

Após a leitura da reportagem, o livro traz uma atividade contendo oito questões abertas de interpretação onde os alunos são questionados sobre o preconceito lido na reportagem, e o que eles acham disso. Vejamos a questão 8, por exemplo: (CEREJA; COCHAR, 2014b, p. 52)

8. Troque ideias com os colegas e dê a sua opinião:

- a) Que outros tipos de preconceito você vê na sociedade em que vivemos? O que você acha desses preconceitos?
- b) Você também teria coragem de praticar um esporte ou um *hobb*, que costuma ser mais praticado por pessoas do sexo oposto?

Assim, observa-se que a questão propicia reflexão para que os alunos analisem a sociedade em que vivem e como preconceito articula-se dentro dessa sociedade, bem como possibilita abertura de uma discussão se o educador intervir

para que os alunos dialoguem entre si, expondo suas opiniões abertamente, pois se o preconceito for visto como algo negativo durante esse momento de análise, a escola tornará possível que os alunos respeitem a liberdade de escolha e as diferenças uns dos outros, contribuindo assim para a cidadania dentro e fora do ambiente educativo. (ROHDEN, 2009; NOGUEIRA, 2015).

Em específico na questão “b”, ressalta-se como as pessoas vivenciam gênero no dia a dia, ao realizar escolhas que fazem parte do seu cotidiano, mas que trazem o julgamento social baseado em construções culturais de gênero na sociedade em que estão inseridas. Essa questão faz com que os alunos reflitam sobre estar em uma posição semelhante a de pessoas que têm preferência por escolher *hobb* ou esportes que geralmente são praticados por pessoas do sexo oposto, o que permite que aconteça uma troca de ideias e se desmitifique essa ideia de que devemos sujeitar nossas escolhas de acordo com categorizações sociais. (ROHDEN, 2009, NOGUEIRA, 2010).

A atividade finaliza com um textinho rápido na sessão “Você é o escritor” para introduzir uma atividade escrita e fala sobre o papel da mulher no passado como dona de casa e como com o passar do tempo elas foram adquirindo espaço no mercado de trabalho em lugares antes ocupados apenas por homem. Após a leitura do texto a sugestão de atividade é que os alunos façam entrevistas com duas mulheres, uma mais velha que foi dona de casa e uma mais jovem que trabalhe fora, seguida da produção de um mural com o seguinte título: “Mulheres de ontem e de hoje”.

Observou-se que no livro B a questão de gênero ganha um espaço considerável se comparado ao livro A, uma vez que os assuntos complementam e interagem entre si, com textos e atividades que promovem e incentivam debates e reflexões, enriquecendo a visão ética e uma construção de pensamento livre de preconceito, respeitando as diferenças, os gostos e individualidades dos que estão a nossa volta.

Contudo, torna-se clara a preocupação em relação à abordagem de gênero ser mais explorada dentro do livro didático do 5º ano. Podemos subentender que esse fato esteja relacionado a uma preparação onde acredita-se que os alunos possam ter maturidade suficiente para que seja discutido o assunto, já que nos demais livros da coleção ele é silenciado ou superficialmente abordado.

No entanto, ao longo dessa pesquisa, compreendemos que a questão de gênero não aparece na vida dos alunos em épocas especificamente determinadas, pois essas questões estão presentes nas construções sociais que nós passamos no percurso de nossas vidas, e embora alguns erroneamente acreditem que essa discussão só precise aparecer quando os educandos estão beirando a adolescência, o que constato enquanto professora, nos momentos vivenciados em sala de aula, é que os alunos apresentam a necessidade de discutir o assunto no seu cotidiano. Essa necessidade acontece não apenas nas salas de quarto e quinto anos, mas as questões de gênero surgem até mesmo na educação infantil, onde os alunos são bombardeados com valores sociais e tem seus comportamentos instruídos ainda sobre margens heteronormativas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão de gênero precisa fazer parte da nossa vida de uma forma aberta e igualitária, pois gênero e as relações de gênero começam a se fazerem presentes antes mesmo do nascimento dos sujeitos. Dessa forma, é indispensável que os alunos tenham acesso a uma educação norteada pelo respeito à tolerância, à compreensão e à ética, pois embora a sociedade ainda trate o tema com pouca importância e o veja como desnecessário, é possível entendermos como essa discussão e esses estudos pesam durante o processo de construção da identidade.

A escola precisa assumir o seu papel durante esse processo de formação pela qual passam os sujeitos, entendendo que em seu currículo as questões relacionadas a gênero precisam estar interligadas com os demais temas de forma interdisciplinar, para que a escola não seja reprodutora de preconceitos, mas possa contribuir para superar da nossa história esse comportamento tão excludente, bem como tornar possível uma formação voltada para temas como gênero e sexualidade, direcionada aos seus educadores, contribuindo não só para que o assunto seja debatido sem causar grandes impactos na sala de aula, mas melhorando a qualidade de ensino e de pensamento crítico aos seus profissionais e alunos.

Considerando os dados obtidos nessa pesquisa, ficou evidente que nos livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Fundamental dos anos iniciais no 4º e 5º as questões de gênero são brevemente citadas.

Ademais, observou-se que essas questões quando abordadas nos livros didáticos, não estão presentes no ciclo de alfabetização do 1º ao 3º anos, embora sejamos cientes que essas questões surgem bem cedo e deveriam ser trabalhadas em todos os livros didáticos, já que é o que se preconiza nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

Conscientes de que a escolha dos livros didáticos acontece pelos educadores, fica patente a necessidade de uma análise mais crítica e criteriosa durante a escolha dos materiais didáticos que serão trabalhados dentro do ambiente escolar, pois apesar de passar por uma avaliação do MEC, por meio do PNLD, existe uma escolha por parte de cada instituição escolar antes de adquirir os livros didáticos.

Uma vez que as temáticas de gênero e sexualidade estejam contidas dentro do livro didático com um grau de visibilidade maior, torna-se possível a construção

de um saber que transforme positivamente essa visão equivocada e heteronormativa que a sociedade nos transmite tão cedo e que infelizmente é reproduzida e perpetuada pelas novas gerações.

Esperamos que, por fim, esse estudo possibilite uma reflexão e que seja incentivo para que mais estudos semelhantes a esse sejam realizados no campo científico na intenção de explorar os conteúdos transmitidos para os alunos, uma vez que durante todo o processo de escolarização as questões de gênero e sexualidade estão presentes na vida das pessoas, precisam ter visibilidade e ganhar mais espaços de discussão no contexto escolar.

## **ABSTRACT**

The textbook is present throughout the educational process, in the different periods of education that the student lives through, the present work discusses the gender issues and how they are addressed within one of the most accessible tools to the teacher and the student that is the textbook . We carried out a bibliographical research to analyze how didactic book works this theme and if it opportunists a reflexive and democratic debate with the purpose of breaking taboos and prejudices, and to construct a thought that respects and understands the differences and the diversity for which we will have to deal throughout the In our research material, we analyzed a collection of books from 1st to 5th grade specifically in the Portuguese language course of elementary education in the early years, because we believed that the variety of literary genres could bring us the discussion of this approach, taking into account the controversy that gender and sexuality still bring with them, issues related to sexuality still find invisibility within the classrooms, because we are part of and live in a society that classifies patterns of behavior appropriate to boys and girls, men and women, governed by an idea of heteronormativity, and the school participates in this construction. In light of the observations of our research, it was possible to perceive that the topic of gender when it is not ignored is briefly mentioned, although it is found in some books of our research, it is noticeable that in the elementary school years, little is said about gender. According to the diagnosis, what we can suggest is that the school contemplate in its curriculum an attention to this theme, and that it allows training to the teachers so that they can direct discussions valorizing the differences and the respect in and out of the school.

**Keywords:** Gender Approach. Heteronormativity. Teachingbook.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Karen, Priscila, Lima, Maria Lúcia Chaves. **Gênero, sexualidade e subjetividade**: Algumas questões incômodas para a psicologia. Disponível em: <0>. Acesso em: 25 de janeiro de 2018.

ARCARI, Caroline. Guia do professor. Educação sexual para crianças de 0 à anos. **Radio Margarida**. 2011. Disponível em: <http://www.radiomargarida.org.br/wpcontent/uploads/guiadoprofessor>. Acesso em: 24.01.2018.

**ARRAES, D.** 5 Motivos para discutir questões de gênero na escola. **Fórum**. 2015. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/2015/06/19/5-motivos-para-discutir-questoes-de-genero-na-escola/>. Acesso em: 17.01.2018.

BRASIL, MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos. Apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL- Secretaria De Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Caderno Secad, Brasília, n. 4, 2007.

BRASIL. SEF/MEC. Guia digital (PNLD 2016). Brasília, SEF/MEC, 2016. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/pnld-2016/>. Acesso em: 26.01.2018.

CANEN, Ana; XAVIER, Giseli. Formação continuada de professores para a diversidade cultural: Ênfases, silêncios e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, v.16 n.48, 2011.

CEREJA, William ; COCHAR, Thereza. **Português linguagens 4º ano** : ensino fundamental: anos iniciais. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2014a.

CEREJA, William ; COCHAR, Thereza. **Português linguagens 5º ano** : ensino fundamental: anos iniciais. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2014b.

FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade 1: a vontade de saber. 12 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

GIL, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUNQUEIRA, R. D. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. **Espaço do Currículo**, v.2, n.2, p.208-230, 2010.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo. Contexto. 2014. (Coleção Caminhos da Linguística).

LOPES, D. Os evangélicos e a homofobia. **Amálgama**. 2008. Disponível em: <https://www.revistaamalgama.com.br/07/2008/os-evangelicos-e-a-homofobia/>. Acesso em 11.01.2018.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. Belo Horizonte: **Educação em revista**. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade, educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias Da Sexualidade. **Territórios De Filosofia**. 2015. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2015/07/01/pedagogias-da-sexualidade-guacira-lopes-louro/>. Acesso em: 25/01/2018.

MARCUSCHI, A. L. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo. Parábola Editorial. 2008.

MEYER, Dagmar Estermann. **Corpo, violência e Educação: Uma abordagem de gênero**. Brasília: Unesco, 2009.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann., PETRY, Analídia Rodolpho. **Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa**. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472016000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472016000200007)>. Acesso em: 25 de janeiro de 2018.

NOGUEIRA, Daniela Macias. **Gênero e sexualidade na educação**. In: I SIMPÓSIO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 1, 2010. Londrina, Universidade Estadual de Londrina. Anais... Londrina, 2010, 1 CD. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/2.DanielaNogueira.pdf>. Acesso em: 26.01.2018.

RODRIGUES, Paloma. Senado aprova união homoafetiva; bancada evangélica quer barrar ida à Câmara. **Poder 360**. 2017. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/senado-aprova-uniao-homoafetiva-bancada-evangelica-quer-barrar-ida-a-camara/>. Acesso em: 17 de janeiro de 2018.

ROHDEN, Fabíola. Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**.v..39, n.136, p.157-174, 2009.

SEMIS, Laís. Entenda o PNLD e saiba quais são os livros didáticos mais distribuídos em 2017. **Nova Escola**. 2017. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4864/entenda-o-pnld-e-saiba-quais-sao-os-livros-didaticos-mais-distribuidos-em-2017>. Acesso em 15 de Abril de 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ANEXO A- MATERIAL ANALISADO DO LIVRO DO 4º ANO ENSINO  
FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS.



Coletânea Português: Linguagens – 4º ano (Ensino Fundamental – Anos Iniciais)  
© William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães, 2014

Direitos desta edição:  
Saraiva S.A. – Livrinhos Editores, São Paulo, 2014  
Todos os direitos reservados

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cereja, William Roberto  
Português : linguagens, 4º ano : ensino fundamental : anos iniciais / William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 5. ed. – São Paulo : Saraiva, 2014.

Suplementado pelo manual do professor.  
Bibliografia  
ISBN 978-85-02-22658-6 (aluno)  
ISBN 978-85-02-22659-3 (professor)

1. Português (Ensino fundamental) I. Magalhães, Thereza Cochar. II. Título.

14-06423

CDD-372.6

Índice para catálogo sistemático :

1. Português : Ensino fundamental 372.6

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.



ISBN 978-85-02-22658-4  
(PDF Professor)

ISBN 978-85-02-22659-0  
(PDF Aluno)

<b>Gerente editorial</b>	M. Esther Nejm
<b>Editor responsável</b>	Noé G. Ribeiro
<b>Editores</b>	Mônica Rodrigues de Lima, Paula Junqueira, Caroline Zanelli, Fernanda de Carvalho
<b>Preparação de texto</b>	Célia Tavares
<b>Coordenador de revisão</b>	Camila Christi Gazzani
<b>Revisores</b>	Eduardo Sigríst, Luciana Azevedo, Maura Loria, Raquel Alves Taveira
<b>Coordenador de iconografia</b>	Cristina Akisino
<b>Pesquisa iconográfica</b>	Camila Losimfeldt, Rodrigo Souza, Anna Pontes Soares
<b>Licenciamento de textos</b>	Ricardo Corridoni
<b>Gerente de artes</b>	Ricardo Borges
<b>Coordenador de artes</b>	José Maria de Oliveira
<b>Design</b>	Carlos Magno
<b>Capa</b>	Homem de Melo & Troia Design, com imagens de Thinkstock/ Getty Images
<b>Diagramação</b>	Francisco Augusto Costa Filho, Marcos Zolezi
<b>Assistentes</b>	Jacqueline Ortolan, Paula Regina Costa de Oliveira
<b>Ilustrações</b>	Adolar/Biry Sarkis/Brambilla/Carolina Sartório/Clarissa França/Edson Farias/Felipe Camêlo/Roberto Weigand/Tatiana Moes/Vanessa Alexandre
<b>Tratamento de imagens</b>	Emerson de Lima
<b>Produtor gráfico</b>	Thais Mendes Petrucci Galvão
<b>Impressão e acabamento</b>	Corprint Gráfica e Editora Ltda. CNPJ: 52.176.922/0001-58 Rua Augusto Piacentini, 454 - Jardim Independência São Paulo - SP - CEP 03223-190

732.205.005.004

O material de publicidade e propaganda reproduzido nesta obra está sendo utilizado apenas para fins didáticos, não representando qualquer tipo de recomendação de produtos ou empresas por parte do(s) autor(es) e da editora.



**Editora Saraiva**

SAC

0800-0117875

De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30

[www.editorasaraiva.com.br/contato](http://www.editorasaraiva.com.br/contato)

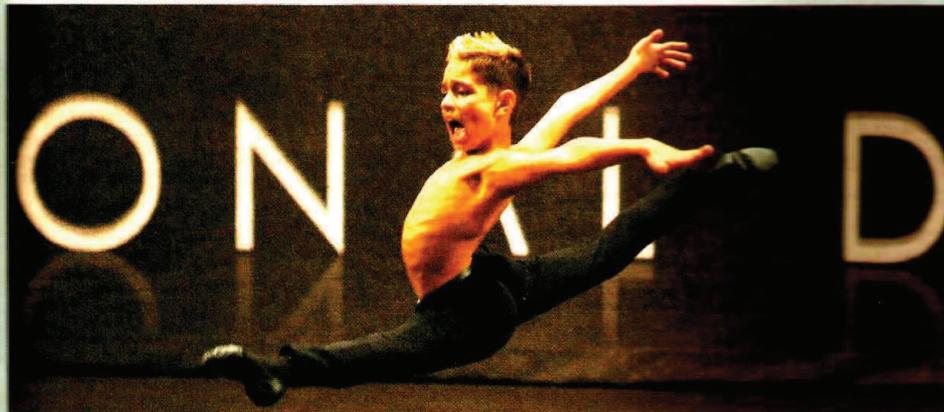
Rua Henrique Schaumann, 270 – Cerqueira César – São Paulo/SP – 05413-909

## REVISÃO E REESCRITA

- O texto apresenta claramente a sua opinião sobre o assunto?
- Apresenta bons motivos para justificar sua opinião?
- Está organizado em parágrafos?
- É capaz de convencer o leitor?
- A linguagem está de acordo com a norma-padrão?
- Se necessário, faça correções e passe o texto a limpo. Guarde seu texto de opinião para expor na mostra cultural proposta no final da unidade.

## TEXTO PUXA TEXTO

Leia este texto jornalístico:



Momentos de *performance* de Gavin em competição de dança nos EUA

### BAILARINO HÁ APENAS DOIS ANOS, GAVIN, 9, JÁ GANHOU CINCO CONCURSOS NACIONAIS NOS EUA

**HELOISA BRENHADE**  
DE SÃO PAULO

Os vídeos de Gavin Morales estão correndo o mundo e causando comoção nas redes

sociais. Aos nove anos, o norte-americano faz performances de balé, jazz, dança lírica e

contemporânea com o rigor e a perfeição de um bailarino de longa carreira.

A diferença está na experiência: Gavin começou a dançar há apenas dois anos e, só nesse período, já ganhou cinco competições nacionais nos Estados Unidos, onde os concursos de dança mirins são tradição.

“Gosto de todos os estilos, mas meu preferido é a dança contemporânea, pois me deixa livre para improvisar”, conta Gavin à “Folhinha” (leia mais abaixo).

O pai, Scott Morales, diz que o garoto começou a dançar inspirado na irmã: “Ele via a McKenzie praticando uma coreografia e queria imitá-la para entrar na brincadeira. Não podíamos imaginar que nossos filhos teriam tanto talento”.

McKenzie tem 11 anos e dança desde os seis. Ela já venceu três competições nacionais.

Entre os Morales, de Fresno (cidade de aproximadamente 500 mil habitantes, na Califórnia), a vocação para a dança nasceu mesmo dos irmãos: ninguém na família é artista. O pai é vendedor e a mãe, advogada.

Vendo a paixão dos filhos, eles resolveram matriculá-los numa escola de dança, onde os dois treinam quatro horas todos os dias, exceto nos domingos.

“As crianças querem treinar ainda mais e, para isso, estão insistindo para sair da escola e estudar em casa. Minha mulher e eu ainda não decidimos”, diz Scott.

Educar os filhos dentro de casa não é proibido nos Estados Unidos, mas ainda causa polêmica, pelo risco de reduzir a convivência com outras crianças. No Brasil, é obrigatório frequentar a escola.

(Folha de S. Paulo, Folhinha. 8/3/2014.)

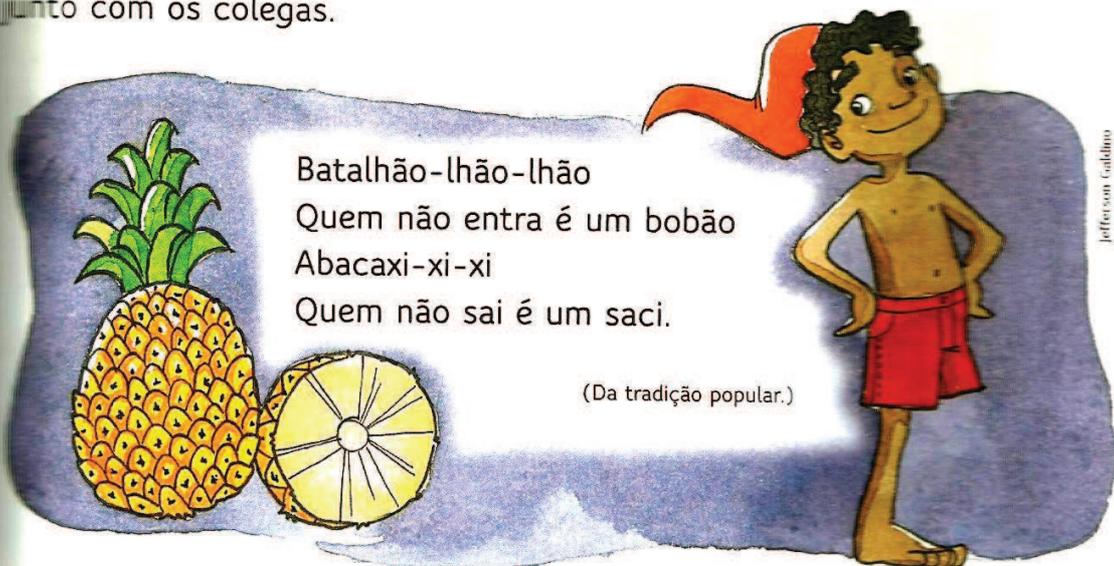
- 1 De acordo com o texto, por que o garoto Gavin é considerado um fenômeno da dança? Porque ele tem apenas 9 anos, dança há dois anos e já ganhou cinco competições nos Estados Unidos.
- 2 No Brasil, ainda existe preconceito em relação a meninos que gostam de dançar.
  - a) De acordo com o texto, Gavin enfrenta esse preconceito? Não, o texto não fala de preconceito. Logo, subentende-se que Gavin não tem esse problema.
  - b) Nos Estados Unidos, o país onde Gavin vive, há estímulos para meninos e meninas dançarem? Justifique sua resposta. Sim, pois nos Estados Unidos os concursos de dança mirins são tradicionais, o que acaba estimulando as crianças a dançar.

- 3 Os pais de Gavin apoiam a opção do garoto pela dança? Justifique sua resposta. Sim, pois eles matricularam os filhos em uma escola de dança e os garotos dançam quatro horas por dia.
- 4 Gavin tem 9 anos, e sua irmã, 11 anos. Os dois treinam quatro horas por dia e pensam em abandonar a escola a fim de se dedicarem mais à dança.
- a) Na sua opinião, é saudável uma criança dedicar tanto tempo à dança, em vez de brincar com outras crianças e se envolver com outros tipos de atividade? Resposta pessoal.
- b) Você acha que Gavin e a irmã devem deixar a escola para se dedicarem mais ainda à dança? Por quê? Resposta pessoal.
- 5 O título do texto é "Ele dá um baile". Quais são os dois sentidos que esse título tem? O sentido de "dançar" e o de "fazer sucesso".

## REFLEXÃO SOBRE A LINGUAGEM

### DIVISÃO SILÁBICA

Você conhece a parlenda de brincar a seguir? Se conhece, fale-a junto com os colegas.



ANEXO B - MATERIAL ANALISADO DO LIVRO DO 5º ANO ENSINO  
FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS.



Coleção Português: Linguagens – 5º ano (Ensino Fundamental – Anos iniciais)  
© William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães, 2014

Direitos desta edição:  
Saraiva Educação Ltda., São Paulo, 2014  
**Todos os direitos reservados**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Cereja, William Roberto  
Português : linguagens, 5º ano : ensino fundamental : anos iniciais /  
William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 5. ed. – São Paulo :  
Saraiva, 2014.

Suplementado pelo manual do professor.  
Bibliografia.  
ISBN 978-85-02-22660-9 (aluno)  
ISBN 978-85-02-22661-6 (professor)

1. Português (Ensino fundamental) I. Magalhães, Thereza Cochar. II. Título.

14-06424

CDD-372.6

Índices para catálogo sistemático :

1. Português : Ensino fundamental 372.6

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.



ISBN 978-85-02-22893-1  
(PDF Professor)

ISBN 978-85-02-61526-7  
(PDF aluno)

**Gerente editorial** M. Esther Nejm  
**Editor responsável** Noé G. Ribeiro  
**Editores** Mônica Rodrigues de Lima, Paula Junqueira, Caroline Zanelli, Fernanda de Carvalho  
**Preparação de texto** Célia Tavares  
**Coordenador de revisão** Camila Christi Gazzani  
**Revisores** Jaci Albuquerque de Paula, Tássia de Carvalho  
**Coordenador de iconografia** Cristina Akisino  
**Pesquisa iconográfica** Cristina Akisino (coord.), Camila Losimfeldt, Rodrigo Souza, Anna Pontes Soares, Ana Szczypula  
**Licenciamento de textos** Ricardo Corridoni  
**Gerente de artes** Ricardo Borges  
**Coordenador de artes** José Maria de Oliveira  
**Design e capa** Homem de Melo & Troia Design, com imagens de Thinkstock/Getty Images  
**Diagramação** Márcia Sasso, Marcos Zolezi, Setsumi Sinzato  
**Assistentes** Jacqueline Ortolan e Paula Regina Costa de Oliveira  
**Ilustrações** Adolar, Biry Sarkis, Carolina Sartório, Clarissa França, Edson Faria, Felipe Camêlo, Roberto Weigand, Tatiana Moes, Vanessa Alexandre  
**Tratamento de imagens** Emerson de Lima  
**Produtor gráfico** Thais Mendes Petrucci Galvão  
**Impressão e acabamento** Edigráfica Gráfica e Editora Ltda.  
Rua Nova Jerusalém, 345, Bonsucesso  
Rio de Janeiro – RJ, Brasil, CEP. 21042-901  
CNPJ: 04 218 430/0001-35

O material de publicidade e propaganda reproduzido nesta obra está sendo utilizado apenas para fins didáticos, não representando qualquer tipo de recomendação de produtos ou empresas por parte do(s) autor(es) e da editora.



**Editora**  
**Saraiva**

**SAC**

0800-0117875

De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30

www.editorasaraiva.com.br/contato

Avenida das Nações Unidas, 7221 – 1º andar – Setor C – Pinheiros – CEP 05425-902

5ª edição

8ª impressão

ERP: 567642 (AL) / 567721 (PR)

se destaca, de que campeonatos internos e externos ela participa, se já ganhou algum troféu, como a escola promove os treinos, quem é o responsável pelas equipes, o que pode ser melhorado nas próximas competições, se a escola tem fotografias, recortes de jornal, medalhas e troféus de participações de alunos em jogos e competições, etc.

Definido o tema, sigam as instruções dadas no capítulo anterior, nas páginas 81 e 82, quanto à realização de entrevistas, estruturação do texto, linguagem, uso de recursos visuais, gráficos e tabelas, digitação, diagramação, etc., e também quanto à revisão e reescrita da reportagem.



## TEXTO PUXA TEXTO

Leia, a seguir, esta reportagem:

### **Elas também jogam... e eles também dançam**

*Menino pode dançar balé? E menina pode jogar futebol? Pode, claro!  
Mas é preciso enfrentar o preconceito*

**LOUISE SOARES**

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DO RIO

Na Copa das Confederações de Neymar, Fred e cia. [...] não há espaço para meninas. Mas elas estão dando um jeito de invadir o campo de futebol.

As gêmeas Laís e Larissa Martins, 11, sabem bem que esse não é um esporte só para homens.

Elas fazem parte de um time de futebol mirim do Rio. Foi Laís quem se interessou primeiro pelo esporte, influenciada pelo irmão mais velho.

Ela começou no Vasco da Gama, jogando com meninos, e chegou a disputar um torneio com a equipe. “Os meninos falavam ‘Essa menina não joga nada’. Mas quando entrei em campo, viram que eu jogava bem”, contou Laís, que sonha em entrar para a seleção brasileira.



Thinkstock/Getty Images

Ela não se incomoda com as pessoas que acham que o esporte é coisa de menino: “Bogagem, meninas jogam muito bem”.

Larissa tem uma reclamação a fazer: “Tem mais torneios para meninos”.

As duas são fãs de Marta, da seleção brasileira. A jogadora acha que há preconceito [leia entrevista abaixo]. “No Brasil, a modalidade é considerada amadora, não há liga profissional.”

## BAILARINOS

Assim como jogadoras de futebol, meninos que fazem balé sofrem preconceito. Denílson A., 12, faz balé há quatro anos e quer ser profissional como seu ídolo, o bailarino russo Mikhail Baryshnikov.

Apesar do apoio da família, sofre com colegas. “Já sofri bullying na escola. Acho idiotice, cada um faz o que quer.”

“Eles são excluídos. Nem podem ir ao banheiro porque tem alguém esperando no corredor para brigar. E são chamados de ‘bailarina’”, disse a mãe de Denílson, Ionai A.

Colega de Denílson na escola de dança, Jônatas L., 11, estuda balé há seis anos. Ele também convive com as provocações na escola e já foi até agredido uma vez por colegas.

“Muitas pessoas me zoam e outras não. Para mim, isso não tem nada a ver. Algumas



© Ariel Skelley/Corbis/Latinstock

coisas que são para menina também podem servir para meninos”, disse Jônatas.

E os homens têm papel de destaque nos palcos. O brasileiro Thiago Soares, por exemplo, é o principal bailarino do prestigiado Royal Ballet de Londres desde 2006. Ele diz que hoje há mais espaço para os homens [leia na página seguinte].

## Marta, boleira

### ‘Há preconceito contra as mulheres no futebol’

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Marta Vieira da Silva, 27, é conhecida pelo primeiro nome e pelos apelidos “Pelé de saias” ou “rainha do futebol”.

Eleita por cinco anos a melhor jogadora de futebol do mundo pela Fifa (Federação Internacional do Futebol), ganhou ouro nos Jogos Pan-Americanos de 2003 e 2007 com a seleção brasileira. Participou de duas Olimpíadas e de uma Copa do Mundo. Hoje joga na Suécia. Leia entrevista à “Folhinha”. (LS)

**“Folhinha” – Quando começou a se interessar por futebol?**

**Marta** – Com uns sete anos, brincando. Meus primos e amigos de infância jogavam bola na rua. Quando vi que levava jeito, decidi que o futebol seria minha profissão.

**Sofreu preconceito?**

Muito. Sou de Dois Riachos, no interior de Alagoas. As pessoas não viam com bons olhos uma menina jogando bola no meio de garotos, e minha família pensava da mesma forma.

Teh Eng Koon/AFP



### Que dificuldades uma menina que quer jogar futebol enfrenta?

O preconceito, que hoje é menor, mas ainda existe, e a falta de escolinhas de futebol.

**“As pessoas não viam com bons olhos uma menina jogando bola. Minha família pensava da mesma forma.”**

## Thiago, bailarino

### ‘Hoje homens podem se destacar mais no balé’

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

O brasileiro Thiago Soares, 32, é o primeiro bailarino do prestigiado Royal Ballet de Londres, ou seja, faz o papel principal nos espetáculos do grupo.

Ele começou a dançar aos 15 anos, ao ganhar uma bolsa de balé clássico em uma escola do Rio. Desde 2002, mora em Londres (Inglaterra) com a mulher, a bailarina Marianela Nuñez. Leia entrevista à “Folhinha” (LS)

**“Folhinha” – É mais difícil para homens se estabelecerem como bailarinos do que para mulheres?**

**Thiago** – A dificuldade para se chegar ao topo da dança é muita, tanto para ho-

mens quanto para mulheres. Hoje o mundo da dança mudou e há um grande intercâmbio de bailarinos homens.

**Sofreu preconceito por ser bailarino?**

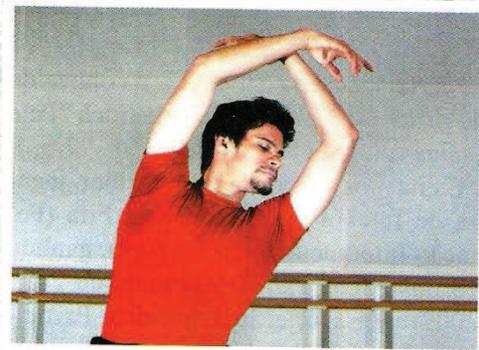
Se sofri, não percebi.

**Há diferença no tratamento que dão aos homens no balé do Brasil e do exterior?**

Não há mais tanto preconceito no Brasil e em outros países. Grandes nomes, como Rudolf Nureyev e Fernando Bujones, incentivaram a criação de obras em que bailarinos pudessem se destacar.

**“Se alguma vez sofri preconceito por ser bailarino, eu não percebi.”**

O carioca Thiago Soares, primeiro bailarino do Royal Ballet de Londres



Emiliano Capozzi/Folhapress

(Folha de S. Paulo, 29/6/2013. Folhinha)

- 1 O texto aborda um tema relacionado com valores da sociedade atual. Qual é o tema?
- 2 Laís, jogadora do time mirim do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, comenta como foi seu ingresso no futebol.
  - a) Ela sofreu preconceito no início? Por quê?
  - b) Quem é o ídolo de Laís?
- 3 Os meninos Denílson e Jônatas dançam balé há vários anos. Eles sofrem preconceito pela escolha que fizeram? Por quê?
- 4 Marta Vieira da Silva já ganhou por cinco vezes o título de melhor jogadora de futebol do mundo.
  - a) Ela sofreu preconceito por causa de sua escolha? Por quê?
  - b) Para ela, esse esporte, na modalidade feminina, sofre preconceito ainda hoje? Justifique sua resposta.
- 5 O bailarino brasileiro Thiago Soares é um dos mais importantes bailarinos de todo o mundo. Ele considera que há preconceito contra bailarinos masculinos atualmente, dentro ou fora de nosso país? Justifique sua resposta.



- 6 O título da reportagem é "Elas também jogam... e eles também dançam" e opõe jogar a dançar. Que sentido a palavra **também** dá ao título?

- 7** Compare a reportagem com o conto “O velho, o menino e o burro”, lido no início deste capítulo.
- É correto considerar como a única verdade possível os valores que as pessoas normalmente têm a respeito de quem deve jogar futebol e quem deve dançar?
  - No final do conto, como vimos, o velho chegou à conclusão de que “Quem quer agradar a todos a si próprio não faz bem”. As pessoas sobre as quais a reportagem fala – Laís, Larissa, Marta, Denílson, Jônatas e Thiago – estão pondo em prática o pensamento expresso na conclusão a que o velho chegou? Por quê?
- 8** Troque ideias com os colegas e dê a sua opinião:
- Que outros tipos de preconceito você vê na sociedade em que vivemos? O que você acha desses preconceitos?
  - Você também teria coragem de praticar um esporte ou um *hobby* que costuma ser mais praticado por pessoas do sexo oposto?

## VOCÊ É O ESCRITOR

No passado, as mulheres, na maioria, não trabalhavam fora de casa. Elas se casavam e cuidavam do lar e dos filhos. Nas últimas décadas, entretanto, as mulheres passaram a estudar mais e a ingressar no mercado de trabalho e, hoje, muitas exercem profissões que antes só cabiam aos homens, como diretoras de empresa, engenheiras, motoristas de táxi, de caminhão e de ônibus, policiais, engenheiras, pedreiras, comentaristas de esporte, etc.

Em grupo, façam uma reportagem sobre as mulheres no mundo do trabalho.

